

INFORMATIVO ESTRATÉGICO

EDIÇÃO 116- 3 DE ABRIL DE 2026



116



VOCÊ SABIA?

Os mísseis Patriot, cruciais para as defesas aéreas da Ucrânia e dos aliados dos EUA no Oriente Médio, enfrentam sérios gargalos de produção. Fabricados pela Lockheed Martin, cada interceptador PAC-3 MSE custa cerca de 4 milhões de dólares. Em 2025, a empresa entregou 620 unidades no ano todo — aproximadamente 50–52 por mês. Essa capacidade ainda é insuficiente para repor o consumo acelerado nos dois conflitos. A Ucrânia recebeu cerca de 600 mísseis em quatro anos de guerra, enquanto no Oriente Médio mais de 800 foram disparados em apenas três dias no início do conflito. Isso revela os limites da indústria de defesa americana e a pressão sobre os estoques globais.

O Informativo Estratégico é editado pelo Centro de Estudos Estratégicos do Exército/7ª Subchefia do Estado-Maior do Exército.



Mapa destacando as ilhas iranianas que controlam o Estreito de Ormuz. Também em destaque a Ilha de Kharg, por onde é escoada 90% da produção de petróleo do Irã
Fonte -The Wall Street Journal

NESTA EDIÇÃO

- Guerra no Oriente Médio
- Guerra na Ucrânia
- Crise na OTAN
- Capacetes azuis morrem no Líbano
- Ruanda ameaça deixar de combater o Estado Islâmico em Moçambique
- EUA retiram sanções contra a presidente da Venezuela

GUERRA NO ORIENTE MÉDIO

O conflito no Oriente Médio chega ao 35º dia, com graves repercussões para a segurança regional e a economia global. Embora os alvos atacados no Irã pelas forças armadas dos EUA e de Israel já possam ser contados na casa das dezenas de milhares, com sérios efeitos sobre as capacidades militares e produtivas do país, até aqui a estratégia iraniana de compartilhar os custos da guerra por toda a região — atacando alvos localizados em 14 países e bloqueando a passagem de navios pelo Estreito de Ormuz — tem alcançado o objetivo estratégico de pressionar a liderança política norte-americana por um fim breve do conflito.

Nesse sentido, no dia 1º de abril, o presidente dos EUA, Donald Trump, fez um pronunciamento à nação no qual descreveu a ação militar como um grande sucesso e pediu aos americanos, preocupados com os custos, que observem a situação em perspectiva. Ele estimou que a guerra deve terminar em três semanas. Durante o discurso, Trump oscilou entre apoiar negociações para encerrar a guerra e prometer uma escalada da violência do conflito. O presidente chegou a afirmar que faria os iranianos “regredirem à Idade da Pedra, à qual eles pertencem”.

Por outro lado, Trump reiterou suas exigências de que os países que importam petróleo do Golfo Pérsico, por meio do Estreito de Ormuz, tomem a iniciativa para forçar o Irã a reabri-lo. Ele afirmou que os EUA não precisam do petróleo que passa pelo Estreito e que, por isso, o esforço militar para garantir o fluxo normal de navios deve ser conduzido principalmente pelos países que dependem desse abastecimento.

Fontes diversas

GUERRA NA UCRÂNIA

A guerra na Ucrânia chega hoje ao 1.500º dia, ainda sem qualquer perspectiva que permita antever uma solução para o conflito. Embora, em março de 2026, tenha sido registrado o menor avanço territorial da Rússia desde abril de 2024, as forças russas intensificaram, no período, sua campanha aeroestratégica, lançando um número recorde de ataques aéreos — especialmente com drones de longo alcance — e ampliando o emprego de artilharia. Essa maior atividade provavelmente indica a preparação para uma nova ofensiva de primavera.

Os ucranianos, por sua vez, intensificaram os ataques a instalações de produção de energia em território russo, em uma tentativa de reduzir os ganhos que Moscou vem obtendo com a alta dos preços do petróleo e do gás em decorrência da guerra no Golfo Pérsico.

No campo diplomático, a Hungria, sob a liderança de Viktor Orbán, continua a bloquear o empréstimo de 90 bilhões de euros que a União Europeia preparou para a Ucrânia, o que tem gerado críticas constantes do presidente Volodymyr Zelensky. Segundo ele, “uma pessoa está se opondo a toda a Europa simplesmente para agradar a Moscou”. Em desvantagem nas pesquisas para as eleições de 12 de abril, Orbán intensifica seus esforços para mobilizar sua base nacionalista, alimentando o sentimento anti-Ucrânia e anti-UE.

Fontes diversas

CRISE NA OTAN

Líderes europeus reagiram às falas do presidente Donald Trump sobre a possibilidade de os Estados Unidos deixarem a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), criada por Washington durante a Guerra Fria para combater a União Soviética. Trump declarou estar insatisfeito com a aliança militar em razão do que considera falta de apoio aos norte-americanos na guerra contra o Irã.

Nos bastidores, segundo o jornal britânico Financial Times, Trump já havia ameaçado suspender o fornecimento de armas à Ucrânia em sua guerra contra a Rússia. Ele exige que os europeus ajudem a reabrir o Estreito de Ormuz, passagem crucial para o mercado global de petróleo, que os iranianos mantêm interditada desde o início do conflito.

Os países europeus afirmaram ser impossível adotar tal medida enquanto a guerra estiver em andamento, com vários deles ressaltando que “esta não é nossa guerra”. O primeiro-ministro britânico, Keir Starmer, defendeu a OTAN, classificando-a como “a aliança militar mais eficaz que o mundo já viu”. “Ela nos manteve seguros por muitas décadas, e estamos totalmente comprometidos com a OTAN”, afirmou em entrevista coletiva, após Trump declarar ao jornal britânico The Telegraph que a aliança seria um “tigre de papel”.

O governo francês também demonstrou irritação com as declarações de Trump, enfatizando que a aliança foi criada para garantir a segurança na área euro-atlântica, e não para conduzir operações ofensivas no Oriente Médio. “Deixe-me lembrar o que é a OTAN. Trata-se de uma aliança militar voltada para a segurança da região euro-atlântica. Ela não foi projetada para realizar operações no Estreito de Ormuz, o que seria uma violação do direito internacional”, afirmou a secretária do Exército francês, Alice Rufo, em uma conferência em Paris.

Fonte - Folha de S. Paulo - <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2026/04/europeus-defendem-otan-apos-trump-ameacar-deixar-a-alianca.shtml>

O CENTRO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS DO EXÉRCITO /
7ª SUBCHEFIA DO EME DESEJA A TODOS OS LEITORES DO
INFORMATIVO ESTRATÉGICO UMA MUITO FELIZ PÁSCOA!

CAPACETES AZUIS MORREM NO LÍBANO

O Conselho de Segurança das Nações Unidas realizou uma reunião de emergência para condenar os ataques mortais contra as forças de paz da ONU no sul do Líbano, com altos funcionários da organização e diplomatas apelando a Israel e ao Hezbollah para que reduzam a tensão. Jean-Pierre Lacroix, chefe das operações de paz da ONU, afirmou ao Conselho que “a situação se deteriorou perigosamente com a escalada contínua entre o Hezbollah e Israel ao longo da Linha Azul e além”, referindo-se à linha de demarcação que separa Israel e Líbano. Ele acrescentou que as forças de paz observaram um “aumento preocupante das restrições à liberdade de movimento e de comportamentos agressivos”.

Dois soldados de paz indonésios da Força Interina das Nações Unidas no Líbano (UNIFIL) foram mortos no dia 30 de março, e outros dois ficaram feridos, um deles gravemente, quando um explosivo colocado na estrada atingiu seu comboio, destruindo o veículo identificado com as insígnias da ONU, informou Lacroix.

Este foi o segundo ataque mortal em apenas 24 horas. No domingo, dia 29, um projétil atingiu um posto avançado da ONU, matando um soldado de paz indonésio e ferindo gravemente outro. A ONU informou que está investigando os ataques para determinar sua origem.

Fonte - NYT - <https://www.nytimes.com/2026/03/31/world/middleeast/un-peacekeepers-lebanon-killed-security-council.html>

RUANDA AMEAÇA DEIXAR DE COMBATER O ESTADO ISLÂMICO EM MOÇAMBIQUE

Ruanda encontrou uma forma assimétrica de reagir às sanções financeiras impostas recentemente pelos EUA: ameaça retirar suas tropas do norte de Moçambique, onde atuam na proteção de um projeto de gás natural da ExxonMobil contra insurgentes islâmicos — justamente em um momento em que a alta dos preços da energia preocupa o presidente Trump.

Há cinco anos, forças ruandesas mantêm o Estado Islâmico sob controle na instável província de Cabo Delgado. Analistas alertam que uma retirada repentina pode permitir a expansão dos militantes, com riscos diretos à população local e ao gigantesco terminal de exportação de gás em construção.

A tensão decorre do papel ambíguo de Ruanda como potência regional. Embora Washington apoie sua atuação em Moçambique, o governo Trump sancionou, no início de março, as forças armadas ruandesas e quatro oficiais por suposto apoio ao grupo M23, que opera na República Democrática do Congo.

Em resposta, o chanceler Olivier Nduhungerehe foi direto: Ruanda “retirá” suas tropas caso não haja financiamento sustentável para suas operações em Cabo Delgado.

Fonte - WSJ - https://www.wsj.com/world/africa/irked-by-u-s-sanctions-rwanda-threatens-to-stop-fighting-islamic-state-0bd5d007?mod=world_feat8_africa_pos1

EUA RETIRAM SANÇÕES CONTRA A PRESIDENTE DA VENEZUELA

Os Estados Unidos suspenderam as sanções contra a presidente interina da Venezuela, Delcy Rodríguez, que assumiu o comando do país após Washington capturar o ex-presidente Nicolás Maduro em uma operação militar. O nome da presidente interina foi retirado da “Lista de Nacionais Especialmente Designados”, conforme publicação no site do Escritório de Controle de Ativos Estrangeiros (OFAC) do Departamento do Tesouro norte-americano. Em postagem nas redes sociais, Rodríguez comemorou a decisão do governo americano de suspender as sanções contra ela e destacou a “normalização e o fortalecimento” das relações bilaterais recém-retomadas. A medida representa uma mudança significativa na postura de Washington em relação ao novo governo venezuelano.

Fonte - Estadão - <https://www.estadao.com.br/internacional/eua-suspendem-sancoes-contra-a-presidente-interina-da-venezuela-npr/>



Para pensar...



“O aparentemente inevitável assume tal condição pela agência humana”

Henry Kissinger, Liderança: Seis Estudos sobre Estratégia, p.23